

Crianças têm agenda de adulto

Estudos, atividades físicas constantes e falta de tempo para brincadeiras típicas da idade, muitas crianças acabam sendo obrigadas a uma rotina de “gente grande”. Com isso, o universo dessa nova geração acaba girando em torno da tecnologia. Mas, especialistas no assunto alertam para os riscos cometidos pelos exageros que os pais cometem ao obrigarem os filhos a uma rotina estressante e sem tempo livre. A falta de equilíbrio e de moderação, acabam prejudicando o desenvolvimento da criança. O tempo livre é fundamental para o desenvolvimento infantil.

As crianças de hoje, além de serem ativas e participativas, vivem na era da cibercultura, ou seja, vivem na cultura da tecnologia, informação e comunicação. O pedagogo Ademilson Borges Ferreira, defende que a carga de conhecimento que esse “novo aluno” (encarado como indisciplinado) traz, não é aproveitada pela escola, já que o método de ensino não privilegia a realidade da qual eles fazem parte.

Página 12



Foto: Elverson Cardozo

Estudos - Aninha faz parte dessa nova geração de “pequenos adultos”. A menina divide seu tempo entre os estudos, as atividades físicas e as brincadeiras de criança

Índios buscam respaldo político

A comunidade indígena de Mato Grosso do Sul quer aproveitar o momento de ano eleitoral para ampliar seus quadros eletivos e terem mais representatividade junto aos poderes legislativo e executivo. Eles estão se articulando para tentar eleger, ainda este ano, um deputado federal e um estadual. Por enquanto já se fala em dois possíveis nomes. Para o cargo de deputado federal está sendo cogitado o nome de Marcos Terena, do Distrito de Taunay, na cidade de Aquidauana. O outro nome ainda será avaliado.

De acordo com os indígenas, a necessidade de renovação faz com que o ín-



Foto: Caroline Maldonado

Lugar ao sol - Em ano eleitoral, índios querem ampliar seus quadros e ainda se comprometem com seu povo em busca de melhores condições de vida.

Página 4

Mestrado da UCDB está entre os dez melhores do país

A Universidade Católica Dom Bosco tem um dos dez melhores Programas de Mestrado na área de Educação do País, de acordo com a

Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação.

Página 7

“Ainda existe desigualdade de gênero”

Professora doutora em Ciências Sociais, Dolores Ribeiro faz uma análise das relações entre gêneros.

Página 3

Banda Djavú faz sucesso com mistura

A Banda nordestina Djavú tem sido considerada pela crítica uma grande surpresa no cenário da música nacional com o ritmo do *Techno Melody*.

Página 6

Música tem cada dia mais importância dentro da igreja

A música é uma das manifestações de louvor mais presentes nas igrejas e, por isso, o aumento no consumo de músicas religiosas acabou fazendo com que os músicos passassem a ser cada dia mais valorizados. Pioneira na formação de talentos musicais, as igrejas evangélicas sempre investiram em formação e qualificação musical. A professora de música Lílían Gudin que trabalha há mais de 20 anos no mercado defende que existe



Foto: arquivo 113

Berço - A igreja tem se tornado referência na busca por bons músicos

uma diferença entre as pessoas que detêm o conhecimento musical e quem aprendeu a tocar sozinho.

Barreira que segundo ela é quebrada pela força de vontade.

Página 10

ÍNDICE	
CADERNO A	
Opinião	02
Entrevista	03
Política	04
Geral	05
Universidade	07
Nosso Foco	08
CADERNO ZOOM	
Cultura	09
Esporte	11
Futuridade	12



Como cuidar da fazenda pelo PC

A colheita Feliz, jogo por internet onde é possível administrar sua própria instalação rural, tem conquistado cada vez mais fazendeiros virtuais. A mania pelo jogo, faz muita gente acordar cedo para dar alimentos aos animais e regar a plantação, como em uma fazenda de verdade.

Página 9



Agropecuária virtual - O jogo simula as tarefas de uma fazenda

Editorial

Espaço para todos

É de impressionar a quantidade de pessoas que buscam “espaço” em ano eleitoral. Está correto, a quantidade de espaço disponível neste cenário é grande, porém, a quantidade de pessoas que querem ocupar este universo é infinitamente maior. O que chama mais a atenção em tudo

isso, é que esses espaços políticos ganham evidência e os postulantes ganham notoriedade, justamente e, somente quando se aproxima o mês de outubro, deixando um pouco de lado, a importância da atuação do “ser político”, nos períodos distantes de eleição. As mais variadas etnias, religiões, raças e posições sociais, competem em pé de igualdade, (ou pelo menos deveriam), por esse tão sonha-

do espaço no mundo político. A matéria de política desta edição do Jornal Em Foco, intitulada “Índios buscam espaço na política”, nos exemplifica exatamente isso. É claro que cada qual e cada grupo, possui uma justificativa, como no caso dos índios, que há muito tempo, tentam aumentar sua representatividade junto aos poderes para terem a possibilidade de legislar em causa própria. Nada mais justo, toda comunidade, que elege alguém em seu nome, é assim. E exatamente nessa busca incessante por espaço no cenário político, surge brecha para uma outra discussão.

Com o passar dos anos, a globalização entre os povos, o avanço da tecnologia e o desenvolvimento do pensamento e liberdade, a política tem pego carona em tudo isso. Pelo menos, até alguns pares de anos atrás, quem era de direita, era de direita e pronto. Já quem era de esquerda, não poderia simplesmente cogitar a possibilidade de mudar de lado. Hoje em dia, parafraseando um radialista sulmato-grossense, é possível encontrar até “casamento de jacaré com cobra d’água” nesse meio. A eleição deste ano é um exemplo prático de tudo isso. É só folhear alguns jornais ou vascu-

lhar em alguns sites de internet, para encontramos as mais doces alianças entre os que, até “ontem”, eram adversários de morte. Alguns teóricos da política justificam essas cenas, como algo necessário para garantir a governabilidade e a democracia. Sem dúvida tem o seu fundamento, porém, para o povo, a impressão que dá é que em nome do poder, das cifras milionárias e da perpetuação de algumas famílias em cargos públicos, tudo é possível, até mesmo o casamento do seu jacaré com a dona cobra d’água. Enfim, todo ano político sempre nos reserva surpresas e esse ano, as

possibilidades de surpresas ainda não se esgotaram, afinal de contas, ainda falta um bom tempo para que os partidos finalizem suas alianças. Sem dúvidas, ainda presenciaremos a busca por esse espaço e principalmente, os casamentos mais absurdos que já estão sendo desenhados desde muito tempo. Mas a dinâmica política do nosso país aponta para essa tendência de busca frenética por espaços e uniões das mais variadas e questionadas possíveis, afinal, a Constituição Federal, não impede nada nestes termos. Espaço para todos!

Defesa

Povos indígenas têm o direito de definir suas prioridades e buscar melhor desenvolvimento econômico e social

Direito que não sai do papel

Joana Moroni

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil finalmente rompeu com o projeto integracionista (que defende a perda da identidade étnica e a homogeneidade cultural) e passou a reconhecer aos índios sua *organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam*.

Em sintonia com a Constituição Federal brasileira, em 2002, o Brasil ratificou o texto da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), orientado para as comunidades tradicionais e para os povos tribais, como os quilombolas e os indígenas. Na convenção foi defendido o direito à autodeterminação política e social desses povos, na forma em que seja respeitada a integridade dos valores, práticas e instituições deles.

Desta forma, os povos tribais e indígenas têm o direito de eleger suas prioridades ao traçar seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural.

Mas, ainda é praticada uma bizarra modalidade de tutela sobre certos jornalistas e veículos de Mato Grosso do Sul. Tutela exercida pelos falatrões do agonegocio e seus *politiquinhos* de vocação déspota - a dita “convergência anti-demarkação” -, alienando os jornalistas mais gananciosos ou coibindo os jornalistas mais covardes. Uma espécie de coronelismo pós-moderno, que dita as verdades “oficiais” fundamentadas em parecer nenhum e transcritas, obediamente, pelos capachos da mídia, sem que estes apurem, confirmem ou contraponham.

O resultado é uma covarde propaganda que pretende deslegitimar a luta dos povos indígenas pelas suas terras tradicionais, sustentada pelo (pré) conceito de incapacidade cognitiva ou cultural dos índios para representarem a si mesmos.

Este ranço racista ainda permeia a mídia. O evidente empenho dos principais meios de comunicação de MS (e suas equipes servis) - com o apoio de

seus parceiros econômicos - na tese da incapacidade de discernimento e vontade própria dos indígenas, é a mais desesperada tentativa de induzir a sociedade não-índia a crer que aqueles que militam por seus direitos naturais e positivados são massa de manobra de instituições justas e entidades idôneas - estas de atuação bastante clara quanto às suas prerrogativas ou objetivos:

CF/88 – ADCT - Art. 67. A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição.

Ao contrário, fazendo oposição ao Código de Ética dos Jornalistas - que diz ser o compromisso fundamental do jornalista a verdade no relato dos fatos e seu dever defender os princípios constitucionais, promover os direitos das minorias e combater a discriminação racial - são publicados dados fantasiados a ermo, ameaças vociferadas com ódio racista, que convocam (nem sempre subliminarmente) a sociedade a discriminar e perseguir os indígenas – negá-los, “integrá-los”, rejeitá-los.

“MS não é terra de índio”,

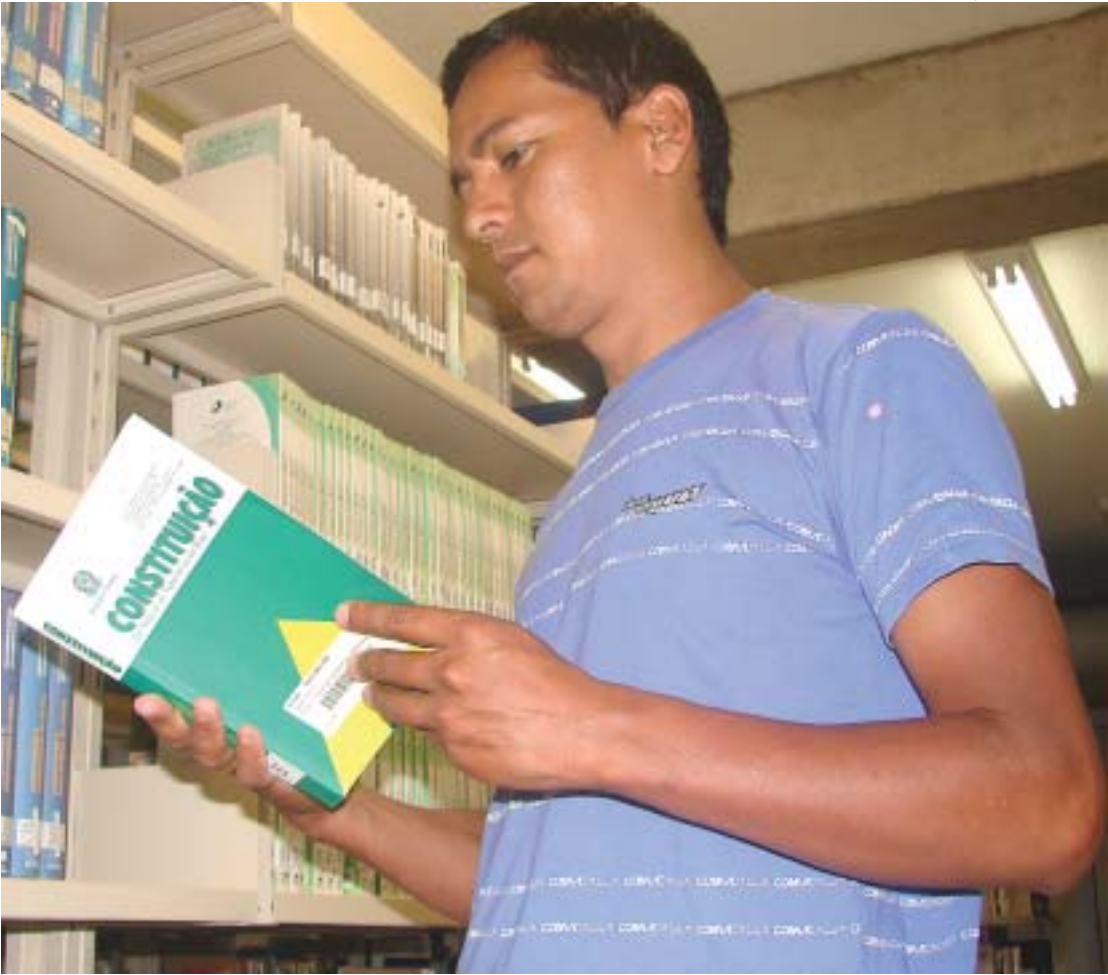


Foto: Joana Moroni

Lei - É preciso respeitar a cultura e a integralidade dos valores, práticas e instituições indígenas

dizia a manchete, certo dia. Em outro, convocava os fazendeiros a se armarem. Quando a invocação criminosa de uma fonte é

transcrita no imperativo e em destaque, deixa de ser jornalismo e vira propaganda. E, não por excesso de cautela, diz o có-

digo que também é vedado usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime.

Pessoas que passam para ficar

Laís Camargo

Uma história sem personagem – Ruth Lima é gente de verdade e sua história é real demais para chamar de literatura e talvez injusta demais para acreditar que possa ter mesmo ocorrido com uma só pessoa. A ansiedade não me deixava dormir e muito embora a tensão da viagem de sete horas de Cusco (Peru) até Águas Calientes exigisse descanso corporal, a mente não obedecia.

Como o vilarejo parece um grande terminal rodoviário – composta de pontos de ônibus, restaurantes, hotéis, uma praça e um granderio que recentemente adquiriu o péssimo hábito de transbordar (Urubamba) – a única opção era ir para a praça central ouvir uma boa música andina e desfrutar de alguma bebida exótica. O bar escolhido foi o “Casa de Mi Abuela”, a bebida Piña Colada, e a companhia simplesmente apareceu naturalmente (como 70% das coisas que aconteceram na viagem, pelo simples consentimento da Dona Sorte).

Plena terça-feira, duas horas

da manhã, ninguém mais no bar e o único pensamento que prevalecia era quanto à rota que se iniciaria dentro de duas horas – eu e meus “hermanos” de viagem subirmos 500 metros de montanha em escadaria de pedra para chegar ao santuário de Machu Picchu. Fora a ansiedade quanto às sensações vindouras, o momento era propício para indagações históricas e ninguém melhor que um habitante local para sanar essas dúvidas. Aproveitando para pedir a receita da Piña Colada, fui conversar com a cozinheira. Ruth me contou o que sua avó (responsável pelo nome do local),

de 105 anos, a contava quando era criança. Era uma daquelas histórias que não tentamos adivinhar o final.

Existe uma simbologia muito forte em torno da trilogia inca – o puma, a serpente e o condor. Ruth me contou que são a união representativa da força e agilidade, estratégia e guerra e da paz e a organização. Segundo as lendas indígenas, estes animais é que tornaram possível a construção de Machu Picchu, com total integração com as forças da natureza, os incas conseguiam pedir favores à Pachamama, a Mãe Terra, de onde tudo vem e para onde tudo retorna. Com apenas 35 anos de idade e um rosto de traços fortes e olhos claros, ela divagou sobre as lendas perdidas, lamentou que hoje via turistas animados com o fato de

escalarem as montanhas, mas sem saber que aquelas montanhas representam o índio guerreiro que protege a história (e que podemos ver se deitarmos a cabeça sobre o ombro direito ao olhar para a clássica foto de Machu Picchu).

Uma faculdade de medicina abandonada para cuidar dos dois filhos, uma faculdade de análise de sistemas perdida devido a um acidente de carro que a fez perder a memória recente, um lar e um pai perdidos por um terremoto e uma quarta tentativa de recomeço marcada em cada gole da Piña Colada. Ruth, que prefere ser chamada de Lima passou por provas demais em pouco tempo, mas não considera injustiça, definiu sua história como: “oportunidades”. Um comentário sobre

os acontecimentos no Haiti a fez dizer o que aprendeu com tudo: “Quando o teto cai sobre sua cabeça e o chão desaba sob os seus pés, não interessa o que existe entre um e outro, tudo que você conquistou materialmente não vale nada. Ouvi gritos de socorro de todos os tons e idades, mas ninguém podia ajudar ninguém, porque todos precisavam de ajuda. Temos que nos amar, o resto é passageiro e sem importância, somos todos iguais”.

Soube que Ruth está bem, mesmo após a enchente. Nunca tive dúvidas que passaria por mais essa “oportunidade”, mas difundir sua serenidade e compreensão se tornou uma questão humanitária. Não há pensamento mais simples, direto e prático – somos todos iguais.



EXPEDIENTE

Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 131 – maio de 2010 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara
Reitor: Pe. José Marinoni
Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori
Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida
Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges
Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Inara Silva DRT-MS 83 e Robson Moreira DRT-MS 84

Revisão: Jacir Alfonso Zanatta, Inara Silva, Robson Moreira e acadêmicos do 5º semestre.

Edição: Cristina Ramos Ribeiro, Jacir Alfonso Zanatta e Robson Moreira.

Repórteres: Aline Araújo, Daiane Jadna, Daniel Teixeira, Elverson Cardozo, Jéssica Keli, Joana Moroni, Laís Camargo, Natalie Malulei, Renan Gonzaga, Sidney Albuquerque e Solange Cunha.

Títulos e legendas: Acadêmicos do 5º semestre de Jornalismo.

Projeto Gráfico e tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Jacir Zanatta e Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

Em Foco On-line: www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade: www.ucdb.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Mulheres buscam respeito, igualdade e independência

“Ainda faltam conquistas para as mulheres”

A luta feminina por independência, igualdade e respeito foi marcada na história. Elas queimaram sutiãs, conquistaram o direito de votar e resgataram a essência mais intrínseca de ser mãe, ser mulher: a amamentação. Porém, apesar de muito ter sido alcançado, ainda faltam várias conquistas quando se trata da igualdade de gênero. Pois, ao contrário da propaganda disseminada, a maioria das mulheres se encontra entre a parte mais pobre da humanidade e recebe os menores salários. Para falar sobre esse assunto o Jornal Em Foco entrevistou a Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, Dolores Pereira Ribeiro Coutinho, que mostra a posição da mulher na sociedade contemporânea, expondo a realidade por meio de situações cotidianas.

Natalie Malulei

EM FOCO: Em setembro de 2000, foi aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a Declaração do Milênio, composta por oito metas que visam o desenvolvimento e a erradicação da pobreza do mundo. O terceiro objetivo consiste em promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres, você acha que isso é possível? Qual é a importância dessa atitude para a humanidade?

DOLORES: Bom, as mulheres circulam entre a parte mais pobre da humanidade, porque elas ganham os menores salários e na medida em que elas são provedoras dos lares e das suas famílias, consequentemente essas famílias serão as famílias mais pobres. A ONU já tem essas perspectivas em documentos anteriores. É o caso de Beijing, que acabam entendendo que a promoção de uma igualdade de gênero faria com que a humanidade como um todo caminhasse no sentido da erradicação da pobreza e na melhoria da qualidade de vida.

EM FOCO: E como dirigir as políticas públicas brasileiras em direção a alcançar a meta proposta pela ONU e em especial a questão da igualdade dentro do cenário brasileiro?

DOLORES: As políticas públicas, no caso do Brasil, caminham de uma forma positiva ao meu entender. Nós temos já todo um programa de combate à violência, à desigualdade, nós temos órgãos específicos governamentais, secretarias, ministérios, agências de promoção e temos aquilo que se coloca em prática como as chamadas políticas afirmativas, que são ações específicas de qualificação, de resguardo para a população feminina, para que essa população faça a inserção e caminha no sentido de uma construção de igualdade. Mas falta muito ainda, nós poderíamos dizer que alguns equívocos são praticados, por exemplo, se você empreende um programa de capacitação ou de qualificação profissional e nesse programa de qualificação profissional que o objetivo é geração de renda, com ou sem formação de cooperativas,

ou um trabalho mais informal, ou aquilo que possa promover a renda, aumentar o ganho dessas mulheres, que são em sua maioria provedoras dos lares e das famílias. Se você não objetivar junto com a qualificação, com a capacitação profissional um programa de escolarização e de formação para a cidadania, você vai ficar meramente na formação técnica profissional, você não fará um ganho cidadão para essa população. Então, alguns erros também eu ainda reputo à algumas formas de qualificação, por exemplo, cursos de manicure, dessa forma ela vai fazer a unha da vizinha? Ou então, cursos de artesanato? Todas elas vão pintar pano de prato e vão vender para quem? Então, algumas coisas precisam ser repensadas em termos conjunturais e não apenas locais. Mas o Brasil tem caminhado bem, essas políticas estão sendo implantadas, eu acredito, de uma forma regular para boa. Em Mato Grosso do Sul (MS), eu acho que a gente merece um destaque tanto no município de Campo Grande quanto em outros municípios. No Estado como um todo o trabalho que tem sido feito é louvável.

EM FOCO: Em uma sociedade na qual a mulher é multifacetada, sendo muitas vezes mãe, dona de casa e trabalhadora, como fica a formação familiar atual? E qual papel o homem tem desempenhado?

DOLORES: Isto vem do processo de socialização, desde a infância homens e mulheres são socializados de forma diferente e isto se dá pelas características anatômicas biológicas. Ou seja, homens e mulheres são diferentes, basta que a gente olhe no espelho para enxergar a diferença, mas essa diferença biológica não é justificativa para a desigualdade social. O que acontece é que a diferença biológica é utilizada no processo de socialização, a forma como a pessoa é educada, preparada para o convívio social como um elemento, para que ela seja tratada e para que ela própria reproduza em uma outra geração essa condição de desigualdade. Um exemplo bem clássico que eu costumo dar até nas minhas aulas, se você é convidado para um aniversário de uma criança de um

ano de idade, se ela for menino, você escolhe um tipo de presente, uma bola ou um carrinho, se ela for menina, você vai escolher uma boneca ou panelinhas, qual significado subjacente ao presente que você escolheu? Para o menino foi dado elementos do mundo público, da força e para a menina foi dado elementos do mundo doméstico, da maternagem, do trabalho doméstico. Então, são elementos que condizem com a natureza do ser, mas que devem ser trabalhados no sentido de que isto não cunhe uma desigualdade posterior. Ela pode e deve ganhar panelinhas, bonecas, bolas, carrinhos, e entender que mesmo que ela utilize as bonecas, ela pode jogar bola se ela quiser.

EM FOCO: Apesar de todas essas modificações no sistema social, porque que dentro da própria família durante o processo de formação, homens e mulheres ainda continuam sendo tratados como antigamente pelos pais? Por exemplo, em muitos casos meninos começam a trabalhar muito mais cedo do que as meninas. **DOLORES:** Isto repercute inclusive na escolarização, “menino não chora” e como se diz em sociedades agrárias: “cui-de das suas cabras, porque os meus bodes estão soltos”, trazendo: a sociedade reproduz



Entrevista - Dolores Ribeiro fala sobre a desigualdade de gênero que existe no trato social

a cada nova geração os elementos da desigualdade de gênero das gerações anteriores. Então, os homens são criados para o mundo público, para o mundo dos provedores materiais, dessa forma eles vão trabalhar fora, e as mulheres são retidas o máximo de tempo possível no mundo familiar, no mundo doméstico, no ambiente da casa e isto é uma representação social que vem da sociedade burguesa. No mundo burguês a própria esposa do Senhor não poderia fazer nenhum trabalho, porque isto denegria a imagem do seu marido como burguês, então isto é uma reprodução social. E o que acontece desta forma de se encarar o mundo? Os meninos trabalham fora e saem da escola, as mulheres acabam tendo maior escolaridade, porém mesmo tendo maior escolaridade quando vão para o mercado de trabalho elas ganham menores salários, porque o seu trabalho não é reconhecido no mundo público como sendo um trabalho com a mesma qualidade do trabalho executado pelo homem, que adentrou no mercado de trabalho com a idade menor.

EM FOCO: Porém, atualmente há muitas mulheres que já estão trabalhando fora e alguns homens trabalham dentro de casa. Dessa forma, será que fatores como o aumento do índice de violência contra a mulher é uma forma do homem tentar resgatar aquilo que lhe foi tirado?

DOLORES: Na verdade, alguns psicólogos e alguns psiquiatras estão estudando essa modificação de comportamento, tanto na Universidade Federal de São Paulo, quanto na Federal do Rio de Janeiro existem grupos de estudo sobre estas questões que envolvem o mito da masculinidade e uma suposta crise nesse mito. O que quer dizer isso? Os homens estão vivenciando uma fragilidade na sua função de macho provedor, provedor econômico, consequentemente provedor sexual, porque em alguns casos ocorre até a disfunção sexual e a única forma de este homem se impor é pela força. E isso não escolhe meio social, classe econômica ou nível cultural, por isso que a violência de gênero ocorre em todos os segmentos.

EM FOCO: O que vemos hoje pode ser considerado o alibi da dita libertação feminina, onde o impacto mais visível é no estilo de vida e no trabalho. No entanto, onde se demarca o início desta libertação?

DOLORES: Você usou corretamente a palavra alibi, eu vou te dizer porquê, as pessoas dizem: “As mulheres conquistaram, estão conquistando...”, “Já estão em situação de igualdade!”, “Já existem mulheres na direção de grandes empresas!”, “As mulheres já são maioria em alguns segmentos!” Sim, eu diria, estão conquistando, mas não atingiram a igualdade. Alibi, é o que eu digo, você usou a palavra correta, porque estes casos quando ocorrem são utilizados como uma forma de marketing, como diria: Pelé é o negro, pobre, esportista de sucesso. Estas mulheres são as mulheres de sucesso. Recentemente o próprio CNPq, que é o órgão do governo para o financiamento da pesquisa, divulgou o resultado do edital universal de financiamento e somente 34% dos projetos são coordenados por mulheres. Logo, se a ciência do Brasil só tem 34% dos projetos financiados coordenados por mulheres, isto significa que muito mais homens ainda estão na condição de cientistas, de ápice como pesquisadores deste país, mas esses elementos acabam sendo escondidos atrás dos alibis.

EM FOCO: Sem dúvida o feminismo foi um marco na história e impulsionou as mulheres em muitas conquistas, porém foi uma atitude extremamente radical, assim como atitudes machistas. Será que há um ponto de equilíbrio entre o feminismo e o machismo?

DOLORES: Seria o ideal, o feminismo teve o seu momento porque ele fez o papel de denúncia, Simone de Beauvoir há mais de 50 anos quando escreveu “O Segundo Sexo” chocou toda a sociedade europeia, em especial a sociedade francesa, ela foi alvo de críticas inclusive algumas delas de baixo calão. As mulheres queimaram sutiãs. As mulheres fizeram passeatas, conseguiram conquistas importantes como sufrágio, o direito de voto, o próprio oito de março é uma

data comemorativa pela morte de operárias. E o direito a amamentação, a licença maternidade, uma série de conquistas, de ganhos que nós podemos dizer hoje que as trabalhadoras em especial, que as mulheres atingiram, conquistaram, são produto do movimento feminista. E o movimento teve e tem o seu lugar na história. Agora, como qualquer tipo de ação corre o risco de fundamentalismo, de cair no fundamentalismo, assim como o machismo radical, assim como a homofobia, que hoje está em moda falar em homofobia, todas as formas fundamentalistas são perigosas à sociedade. O ideal seria nem machismo, nem feminismo, porque uma sociedade que deixasse de ser machista e se tornasse feminista eu acredito que seria bem pior, porque teria aquele “quê” de revanche, e as mulheres são muito mal-dosas quando querem. Então eu não gostaria de uma sociedade feminista, muito pelo contrário, eu acho que o que se deseja é uma sociedade de pessoas diferentes, homens são homens, mulheres são mulheres, diferentes biologicamente, diferentes nos seus elementos e nas suas características, mas com igualdade de direitos, isto sim, igualdade de tratamento, igualdade nas possibilidades de inserção social.

EM FOCO: Apesar de a mulher ter adquirido uma parte da liberdade desejada, a independência financeira, um pouco da auto-suficiência, ela ainda quer ser tratada de maneira diferenciada principalmente em relação ao sexo oposto, ela quer aquele cavalheirismo, a gentileza. Na sua opinião porquê isso acontece?

DOLORES: Claro que a gente quer, nós queremos um Lorde ao nosso lado, nós queremos um amante, um companheiro, um homem bem educado, isso não quer dizer que aquela bandeira feminista ou pseudo feminista, porque isto foi uma construção, foi uma representação equivocada que o feminismo fez com que as mulheres deixem ou desejem não ser tratadas como mulheres, muito pelo contrário, nós adoramos nos arrumar, nós queremos ser mulheres, e queremos companheiros homens. Não machos provedores, mas companheiros, educados, refinados, inteligentes, que reconheçam os nossos valores, as nossas capacidades, amantes, amigos, é o sonho de toda mulher.



Dolores - Repensar os cursos de qualificação é necessário para a independência feminina

Comunidade indígena tem se reunido frequentemente para discutir a participação nas próximas eleições

Índios buscam espaço na política

Foto: Laziney Martins

Sidney Albuquerque

Os povos indígenas de Mato Grosso Sul, a segunda maior população do Brasil, vêm se articulando no meio político junto com suas comunidades. Um exemplo de como estes grupos estão se organizando, são os nove vereadores indígenas no Estado que lutam pelos seus direitos e em favor de suas comunidades. Um destes parlamentares, Ezaul Martins (PL) que é presidente de Câmara Municipal de Tacuru. A luta não para por aí. Eles querem agora neste ano eleitoral eleger deputados federais e estaduais.

Por enquanto se fala em dois possíveis nomes para a disputa do cargo de deputado federal, um deles é de Marcos Terena, do Distrito de Taunay na cidade de Aquidauana, que sairá pelo PPS.

Segundo relato de Marcos Terena, “a força de um povo esta na sua terra, cultura e poder político, pois há muito tempo os povos indígenas foram calados até mesmo na Constituição, e agora mais do que nunca precisam eleger seus representantes no Congresso Nacional e na Assembléia Legislativa. Diante do crescimento e da conscientização política do eleitorado indígena o candidato da situação faz oposição ao povo indígena e mesmo assim, corre atrás do voto do índio para se eleger novamente”, afirmou Marcos.

De acordo com os indígenas, diante da necessidade de renovação o índio assume uma responsabilidade com seus ancestrais, uma voz de honestidade, dignidade de renovação e soberania e ainda se compromete com seu povo em busca de melhores condições de vida. “O índio



Representantes - Os indígenas de Mato Grosso do Sul estão se organizando para tentar eleger pelo menos um Deputado Federal e um Estadual nas próximas eleições

não pode ser um atraso, mais sim uma renovação. Ele que sempre lutou pela sua dignidade mostra sua cara para se representar e também dar força à voz do negro, do branco e do meio ambiente” disse Marcos Terena.

A comunidade indígena ainda deve lançar outros candidatos nas eleições deste ano. Os nomes devem ser escolhidos depois de passarem pelo crivo do 2º encontro de vereadores e lideranças indígenas do estado.

A Constituição Federal de 1988 trouxe várias novidades para os segmentos da sociedade, dentre estes a mais importante segundo os índios: os direitos humanos. Onde todos podem entendê-la como direito ao trabalho e renda, o direito à formação, o direito à habitação, o direito ao alimento, o direito ao ambiente saudável, o direito à saúde, o direito de ir e vir e dentre elas também o direito de votar e ser votado.

As comunidades indígenas têm histórico de participação no exercício partidário antes e depois da Constituição Federal, exemplo de luta e perseverança foi visto no Estado do Rio de Janeiro cujos eleitores não são indígenas e elegeram Mário Juruna o primeiro e único Deputado Federal índio do Brasil (1983 – 1987), que se favoreceu por conta da sua luta em prol do movimento indígena. Em Mato Grosso do Sul, os vereadores eleitos e os eleitores certamente os sufragaram por reconhecida capacidade de articulação por verem em cada candidato uma atuação em favor do movimento indígena.

Lisio Lili, articulador político dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul esclarece que se as comunidades indígenas conquistaram assentos no Legislativo e Executivo legitimamente foi por conta e força do que chamam de movi-

mento indígena, cuja ação se assemelha às propostas partidárias das agremiações políticas que já estão estabelecidas, como PMDB, PSDB, PPS, PDT e outros.

Lili comenta que isso quer dizer então que o movimento indígena deixou passar despercebida a sua importância que é a geradora, orientadora e condutora dos rumos da ação indígena. Até há pouco tempo essas ações se restringiam ao âmbito local, hoje com as organizações indígenas mais atuantes e estabelecidas, possuem um pensamento nacional no campo indígena.

Líderes e parlamentares indígenas explicam isso para

dizer às agremiações partidárias, que também existe um plano político indígena partidário, por conta dos direitos que conquistaram na Constituição Federal e pelo fato do índio estar figurando na lei do País, e são por conta disso, parte dela. “Ser parte de um País como somos, pois estamos na Constituição Federal é muita coisa, é dizermos que nada do que acontece no nosso País pode ser feito sem que haja a nossa participação”, explica Lili.

Conforme o articulador Lili, para os indígenas todo momento é visto como busca de representatividade, não-indígenas não podem representá-los. Os políticos elei-

tos pelo voto dos índios não têm representado aos seus interesses e sim a interesses próprios, pois os interesses são diferentes, e para quem está no poder e que representam um modelo ortodoxo e homogeneizador as entende como conflitantes.

“A importância de ter índio nas casas de leis dos municípios e também na Assembléia Legislativa é por conta do conhecimento da sua própria realidade, não tem ninguém melhor que o próprio índio para ser representante de seu povo e sua sociedade no meio político”, destaca o vereador indígena Otoniel Ricardo (PT) do município de Caarapó.

Julho termina o prazo para os partidos políticos apresentarem seus candidatos à eleição 2010

Sidney Albuquerque

Os partidos políticos do Estado devem apresentar seus candidatos para as eleições deste ano após as convenções eleitorais, que devem acontecer entre os dias 10 e 30 de junho. Depois eles têm até o dia 5 de julho para oficializarem as candidaturas. Apesar dos prazos, alguns partidos do Estado, já têm definidos os principais nomes para a disputa ao governo do Estado.

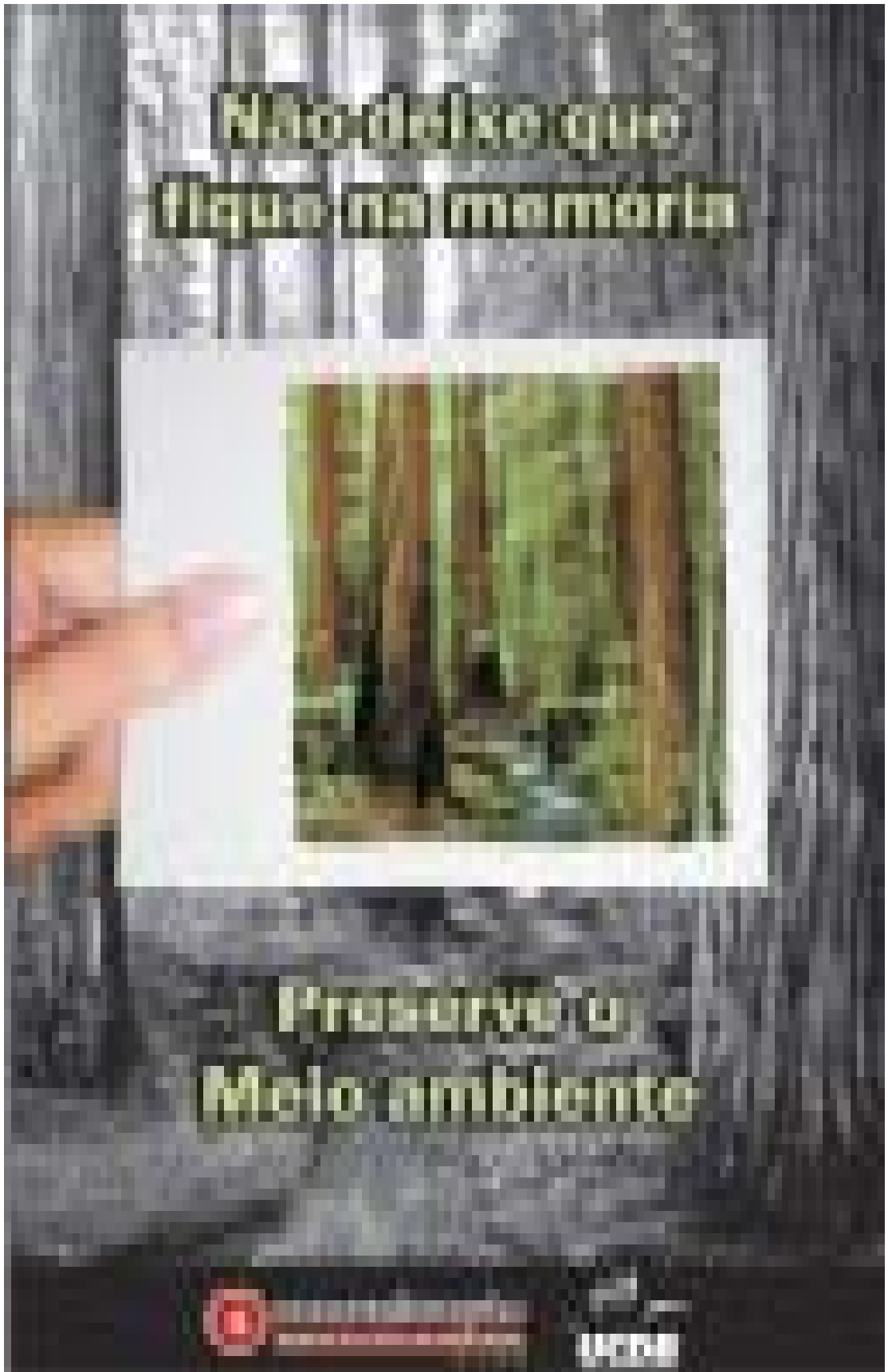
O atual governador, André Puccinelli (PMDB), que busca a reeleição e o ex-governador Zeca do PT, que pretende comandar o Estado mais uma vez, são os mais populares. Além destes nomes, outros partidos pretendem lançar candidatura própria. O PTB ainda não definiu se lançará candidato próprio e o PMN que deve lançar como possível candidata ao governo, Iara Costa.

Os demais partidos

aguardam a data das convenções para definirem suas coligações. O caso do PP que é presidido pelo deputado federal Antonio Cruz, lançará somente candidatos a deputados estaduais e federais. De acordo com o secretário Francisco de Sá, existe conversação todos os dias com partidos. Na prefeitura são aliados do prefeito e também tem uma ligação com o governo ambos do PMDB, formando a base de apoio, mas, de acordo com Sá, isto ainda não é uma coligação. O partido é o 5º em número de prefeitos, deputados e vereadores.

Para o PPS, que faz parte do Bloco Democrático e Reformista (BDR), é necessário formar uma chapa competitiva de deputados federais e estaduais, senadores e governador. O partido é aliado do governo estadual, mas segundo o presidente estadual da sigla, Athayde Nery, a sua independência é mantida. As informações repassadas por Athayde dão conta que o partido ainda está em processo de debate, e para ter uma candidatura deve existir este consenso. “O governador pediu até o final de março para voltarmos a conversar”, afirmou Athayde Nery.

Foto:tribunadocariri.com



Mato Grosso do Sul baseia sua economia em atividades que necessitam do ecossistema bem equilibrado

Caminhos da agroindústria

Renan Gonzaga

Mato Grosso do Sul é vizinho de grandes centros de produção e consumo do Brasil, por isso está localizado numa região que muito contribui para seu desenvolvimento econômico. Economia esta que se baseia na agropecuária, no extrativismo e no ecoturismo e transforma o Estado numa região redistribuidora de produtos agropecuários para todo o país.

O Estado possui um dos maiores rebanhos bovinos do Brasil, e conta também com grande criação de muares, eqüinos, suínos, caprinos, ovinos, galinhas, coelhos, bubalinos, asininos e codornas. Já na agropecuária, desenvolve-se a cultura de soja, arroz, café, trigo, milho, feijão, mandioca, algodão, amendoim e cana-de-açúcar, sendo que a produção concentra-se, em grande parte, na região de Dourados.

Funcionário público desde 2007, Edgar Sackmman, de 49 anos, conta que sua família mudou-se do sul do país para o Estado de Mato Grosso do Sul em busca de oportunidades de emprego no campo. “Aqui sempre foi um lugar famoso pela agropecuária e quando eu e meus pais chegamos, no século passado, encontramos muito trabalho. Se hoje eu estou bem de vida, só posso agradecer à essa terra”, diz Edgar.

Indústrias

A principal atividade industrial do Estado é a produção de alimentos, seguida da indústria madeireira e da transformação de minerais não metálicos. Já a produção de carne bovina e de arroz tem seu centro na Capital e até antes da separação toda a carne produzida em Mato Grosso era beneficiada no atual Mato Grosso do Sul.

Sobre a indústria de transformação, “o solo tem boas propriedades físicas, mas é quimicamente fraco, o que exige a correção de cerca de 40% da área total com o emprego de calcário”, explica a produtora rural Léia Corrêa, de 53 anos. Hoje o Estado conta com importantes jazidas de manganês, calcário, mármore, estanho e ferro, sendo que uma das maiores jazidas mundiais de ferro é a do monte Urucum em Corumbá.

Um fato importante é que quase toda energia consumida no Estado é produzida pela usina hidrelétrica de Jupiá, instalada no rio Paraná, no Estado de São Paulo e as indústrias do Mato Grosso do Sul são responsáveis por 20% desse consumo.

Turismo

Outro setor que cresce na Economia do Estado é o Turismo Ecológico. Devido às grandes riquezas naturais presentes em seu território, como



Foto:Renan Gonzaga

Ferro - Uma das maiores jazidas do mundo fica em Corumbá e contribui para aumentar a geração de renda em Mato Grosso do Sul

o Complexo do Pantanal e a Serra da Bodoquena, visitantes de todos os lugares do mundo são atraídos pela vontade de apreciar o ecossistema local em seu estado natural.

Bonito é um dos principais pólos turísticos da região e já

existem várias pousadas praticando essa modalidade de turismo sustentável. A estudante Leilian Ajala, de 27 anos, conta que sempre que encontra um tempo disponível leva sua família aos banheiros da região. “É uma expe-

riência muito agradável, sem falar na paisagem que é linda. Só arrumar uma folga no serviço e na faculdade que eu compro uma diária e vou com meu esposo curtir o descanso”, diz a jovem.

Outra fonte de renda para

tudo o Estado, sem tanta importância como as outras, é a exploração desses locais turísticos pela população local, através da pesca ou da venda de artesanatos.



Foto: Jéssica Keli

Restrições - As doenças infectocontagiosas servem como restrições para quem pretende doar sangue

Doar sangue deve ser um ato constante e consciente

Jéssica Keli

Nos jornais, na TV e nos rádios, costumamos ver várias matérias sobre doação de sangue. Porém o pedido é basicamente para que os telespectadores doem sangue, pois sempre estão precisando de doadores. O Em Foco resolveu ir além de apenas pedir para as pessoas doarem sangue para os bancos de Centro de Hematologia e Hemoterapia de Mato Grosso do Sul (Hemosul).

Estivemos no Hemosul a fim de saber os bastidores do local, como é o procedimento da doação, o modo que o doador é encaminhado para os testes antes de ir para a sala de doação, e qual o destino das bolsas de sangue recolhidas. Muitas pessoas procuram o local para doar sangue seja para parentes, amigos, ou para ajudar pessoas que precisam sem ao menos conhecê-la. Como é o caso do Maurício dos Santos, de 22 anos, que pela primeira vez foi doar sangue. “Resolvi vir doar sangue porque vi na televisão que estavam precisando de doadores, então queria ser um voluntário”.

Soraya Rodrigues, que trabalha na assistência social do Hemosul, explicou quais os pro-

cedimentos e esclareceu as dúvidas mais freqüentes da população. “O sangue entra através de um voluntário e passa por diversos exames, os quais o doador só vai pegar o resultado e saber se o seu sangue doado poderá ser reutilizado após o período de dez dias. Temos que ter precisão que nesse sangue doado não há nenhuma alteração, química ou que tenha alguma doença”.

Afinal, sabemos que tem doadores de todos os estilos, tipos, raças, etnias, e que a todo o momento doadores de boa vontade vão ao Hemosul a fim de fazer uma boa ação, porém nem todos têm a “sorte” de ser um doador. Há diversos casos de pessoas portadoras do vírus HIV, doenças sanguíneas, e outras doenças sem saber, e quando chegam ao local de doação elas podem descobrir essas e várias outras impossibilidades. “É preciso ser saudável o suficiente para passar saúde ao próximo que irá receber o sangue doado”, diz Soraya Rodrigues.

Depois da “aprovação” do sangue é feita a doação para vários pontos da cidade, como hospitais, ambulatórios, entre outros. Em relação a isso Soraya comenta: “Temos víncu-

los com o HU, o Hospital Regional, particulares, e também parte das doações são designadas para o interior do Estado, onde não há centros de doações sanguíneas, então nós também os atendemos”.

Exames

Mas quais são os exames feitos antes de doar? Ao chegar ao centro de doação o doador responde a um questionário com perguntas que facilitam o encaminhamento da doação, porém tem que ser sincero ao responder, pois de todo jeito seu sangue irá passar por exames que irão te desmentir em caso de omissão. Soraya Alfonso nos explica como funciona dentro da sala de doação. “São retirados quatro tubinhos de amostra de sangue os quais passam pelos seguintes exames: Hepatite, Sífilis, HIV I e II (AIDS), HTLV I e II”.

Além desses quatro tubinhos à parte, doa-se a bolsa normal de sangue que é de 450 ml. Entretanto, se o exame tiver alguma alteração, esse sangue que você doou será descartado na hora, ou seja, sinceridade ao responder as questões facilitará muito o trabalho desses profissionais, explica Soraya.

Jéssica Keli

Atualmente a sociedade quebrou o tabu que existia sobre tatuagens, o que antes era considerado absurdo hoje se tornou comum. Muitas pessoas procuram os tratamentos de acupuntura que são feitos para relaxar, e até mesmo curar alguns problemas adquiridos com o estresse do dia-a-dia, ansiedade, entre outros. Esses dois processos para quem não sabe também podem impedir de ser um doador (a) de sangue.

O efeito, modo de estética, e o sentido dessas duas categorias são diferentes, porém elas têm uma afinidade: as agulhas. Assim como usuários de drogas que utilizam agulhas para injetar não podem doar sangue, quem fez tatuagem ou faz tratamento de acupuntura também é limitado a ser doador sanguíneo. “O porquê está na agulha, que ao perfurar o nosso corpo tem contato com a parte interna, sendo assim, tendo acesso ao nosso sangue, o qual é o meio mais fácil de contrair algu-

ma doença”, diz o médico Paulo Salvador, que atende parte do seu expediente no Hemosul.

Soraya Rodrigues, que trabalha na assistência social do Hemosul, também nos explica isso, que todas as pessoas que tenham passado por algum processo que há a penetração de corpos estranhos dentro do corpo, como as agulhas e piercings, com certeza deverão tomar cuidados para que não contraiam uma doença grave.

Quando um indivíduo contrai uma doença infecciosa, por vírus ou bactérias, demora um tempo até que essa doença seja diagnosticada através de exames de laboratórios, e geralmente isso demora um pouco mais ou um pouco menos de um ano, e esse tempo é chamado de janela imunológica. Mesmo passando pela triagem (processo feito antes de doar sangue), algumas doenças não podem ser identificadas, por isso os centros de doações pedem para quem fez tatuagem ou algum tipo de tratamento com agulhas

recentemente, que aguarde o período de um ano para que possa ser doador.

Sobre usuários de drogas Salvador explica que um usuário de drogas obviamente não pode ser doador de sangue devido às químicas usadas que demoram um tempo para sair do organismo. “Cada caso é um caso, para cada tipo e intensidade de uso das drogas há um período para que esses resíduos saiam do corpo da pessoa e enfim possam ser doadores de sangue, mas isso pode levar um tempo”.

Sabendo de todos os requisitos para ser um doador de sangue, um “doador de saúde”, resta seguir vivendo de forma saudável para poder ajudar o próximo, sendo solidário e indo aos bancos de doação para efetuar a sua participação para a saúde e felicidade do próximo.



Foto: Jéssica Keli

Necessidade - Todos os anos, bancos de sangue fazem campanhas em busca de novos doadores



Calamidade - As fortes chuvas que caíram em Campo Grande, no início deste ano, mostram que a Capital de Mato Grosso do Sul não está preparada para um período de chuva intensa e constante

Cidade

Motoristas reclamam da qualidade do asfalto e do número de buracos causados em decorrência das chuvas

Buracos causam insegurança

Daniel Teixeira

Tragédia é a palavra que dá nome ao acidente em que um motociclista sofreu uma queda após uma tentativa de desviar de um dos enormes buracos que se encontram na Avenida Tamandaré, próximo a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Os buracos espalhados na Capital estão gerando polêmica, insatisfação, e em alguns casos, até mesmo acidentes de trânsito.

O excesso de chuvas, somados ao calor insuportável que tem sido freqüente na cidade vem causando danos notáveis no dia a dia da maioria das pessoas, a erosão do solo e a abertura de pequenas crateras pelas ruas da cidade. Quem nunca sentiu a sensação de insegurança ao dirigir e passar por um buraco, com medo que “acertar” a roda exatamente dentro dele? Sem falar dos prejuízos que estes podem trazer pra quem dirige o carro, pode muitas vezes causar problemas na estrutura do carro, resultando em um gasto

que a princípio é incalculável. Patrícia Tiemy Arakaki, de 20 anos, é funcionária pública e classifica a qualidade das ruas como péssima, por conta dos inúmeros buracos e acidentes futuros que eles podem vir a causar. Acredita que hoje a solução é dependente de um serviço público direcionado as obras de revitalização das vias. Por preferência de manter em sigilo sua identidade J. B., de 57 anos, trabalha na área de transporte afirma. “O processo de recuperação é de certa forma oculto e ineficaz, porque até então eu não vejo há muito

tempo nenhum carro ou funcionário da operação tapa buraco que se diz existentes nas ruas”, e acrescenta que pelos trechos que passa, enxerga grande diferença na qualidade das ruas e na atenção que cada bairro recebe dos órgãos especializados na área responsável pela reforma e recuperação das vias, e destaca que não é só em seu bairro que as ruas se encontram em péssimo estado de conservação. “Sempre tem esses buracos, já tem oito anos que eu to aqui. Eles vêm e cobrem, daí dá uma chuva e já faz o buraco de novo.

Quantas vezes eu já perdi pneu do meu carro, que corta, é uma tristeza isso daí”, lamenta Francisco Laurentino da Silva, de 39 anos. Alguns casos são imprevistos feitos pelos próprios moradores, que por falta de opção em alguns casos, jogam entulhos para preencher os buracos ou usam galhos para sinalizar, com intenção de reduzir o número de acidentes, não só de trânsito, muitas vezes uma criança ou um idoso, pode estar passando por um trecho danificado na rua, próximo a algum bueiro ou até mesmo nas calçadas e corre o

risco de sofrer uma queda. Os altos índices de prejuízos calculados só tendem a aumentar a preocupação da prefeitura e das pessoas que estão sendo diretamente afetadas com esses problemas atuais da sociedade. O resultado das chuvas de verão causou danos graves à cidade, que chegou a ser destaque em rede nacional após umas das últimas chuvas do mês de fevereiro que ocorreram na capital. Segundo a superintendência de comunicação da prefeitura, o problema tem sido resolvido pela operação “tapa buraco”.

Preocupação para uns, satisfação para outros

Daniel Teixeira

O Bairro Maria Aparecida Pedrossian é um lugar tranquilo, mas constantemente essa tranquilidade se transforma em caos de uma hora para outra, e o problema também são as enchentes e os alagamentos, inclusive surtos de dengue que não atingem somente essa área. Grande parte das ruas não têm asfalto e de acordo com a costureira Ramona Recalde, de 53 anos, moradora do bairro há 18 anos, a solução em princípio seria a implantação de bocas de lobo, a partir do Bairro Noroeste, que é onde começam as enchentes, porque lá é alto, e é onde a destruição segue pelos bairros Panorama, Vendas, Samambaia, Oiti. “Tá virando calamidade, parece que estourou um açude. Vem aquela espuma, galhos, vem lama, já aconteceram acidentes de carro, moto, idosos já caíram, se machucaram, e a água ainda invade as casas. Já veio até bombeiro aqui”. A moradora afirma ainda que depois do caos a prefeitura manda máquinas que fazem raspagem nas ruas, joga pedras e pronto, e que não é a primeira vez que fazem isso. “Mas essa não é a solução, só piora a situação, porque na próxima enchente, a água vem forte, arrasta as pedras, lama, e atinge os carros. O presidente da Associação de Moradores briga por melhorias, mas não dá jeito”, lamenta.

Comerciantes também são prejudicados pela enxurrada. A água já invadiu a garagem e o mercado de Guilhermina Sales, de 47 anos, que há um ano é afetada pelos alagamentos. “Desde o início das obras para construção do conjunto residencial que tem aqui do lado. Só depois que as águas começaram a vir pra cá”, reforça. A expectativa é que o problema seja solucionado quando asfaltar, mas que mesmo asfaltando ocorrerão as enchentes só que sem lama, afirma a moradora Marli Aleixa de Souza, de 48 anos. “Dizem que em março ia asfaltar, mas eu não acredito”, finaliza.

Alívio

Há três anos os moradores da Vila Popular sofriam com o caos que o bairro se transformava após enchentes que tomavam conta da área e traziam prejuízos na época do verão. Em novembro de 2009 o Em Foco mostrou a expectativa em relação ao período crítico de chuvas para testar se as obras de contenção realizadas pela administração municipal iriam ser efetivas. Foram construídas duas estruturas, uma de concreto e outra de ferro no córrego para a passagem da água e para que não ocorra o acúmulo excessi-

vo como das outras vezes, gerando caos. A expectativa da obra foi alcançada no verão passado, época em que as chuvas ocorrem com mais freqüência e em altos índices, pois suportaram o excesso de água sem ceder, e não trouxeram riscos, ou comprometimentos aos moradores do bairro, que agora não se encontram mais na situação de preocupação como antes, demonstrando satisfação e tranquilidade. O guarda da escola municipal localizada na Rua Rádio Maia, onde fica o córrego Imbirussu. José de Freitas Ferreira, de 59 anos, já chegou a ver um barco na rua resgatando as pessoas. “Nunca mais deu chuva igual aquela não, choveu tanto, mas a água não subiu, tá tudo nos conformes”. Satisfeito, Mário Rodrigues Lopes, de 40 anos, afirma que foi a melhor coisa que fizeram pelo bairro, e agora a água nem chega perto do capim. Já Olinda Guerra, de 53 anos, professora, que chegou a ver um alagamento em que nem os ônibus atravessavam as ruas, atualmente passa pelo bairro todos os dias e desde as obras não viu mais alagamentos, e quando questionada sobre as chuvas dessa estação: “foi tranquilo”, finaliza.



Transtorno - Chuvas de março geram caos nas ruas da Capital



Sucesso - Banda Déjàvu com seu Techno Melody faz o estilo brega contagiar a população

Mistura de melodias coloca Banda Déjàvu entre as paradas de sucesso

Solange Cunha

Segundo o site da banda o nome foi inspirado em um filme e vem da expressão francesa *déjà vu*, que traduzindo quer dizer “já visto”. Em miúdos, é uma reação psicológica que faz sentir estranhamente, ainda que seja a primeira vez, que já esteve naquele mesmo lugar, viveu aquele exato momento e ouviu aquele som. Reações psicológicas à parte, uma coisa é certa, o grupo que surge no Brasil, conhecido como Banda Djavú e Dj Juninho Portugal, tem um som inconfundível e com apenas alguns meses de estrada e um CD, a banda coleciona hits estourados país. Eles misturaram diferentes ritmos. O som que agrada e contagia seu público vem do *Techno Melody*. Adriana Rodrigues Corvalan, de 15 anos, ouviu o trio por meio de suas amigas. Diz não ser fã de carteirinha, mas gosta do ritmo, que segundo ela é dançante.

Já o jovem Marcelo Joaquim, de 19 anos de idade que conheceu a banda no som dos carros nas ruas, diz não gostar nenhum pouco deles, pois eles não cantam nada e sim berram. As letras não dizem nada, a batida é praticamente a mesma para todas as músicas, comentou. No primeiro contato, a impressão é que lá vem uma batida eletrônica. De repente o som se confunde com um forró, axé, até mesmo com a banda Calipso, enfim, uma mistura de melodias e ritmos que dão origem a um novo produto no mercado fonográfico: *Techno Melody* - um estilo que há muito tempo já vem sendo tocado em Belém do Pará e só agora ganha expressão, em forma de movimento musical no país. O diferencial já começa desde a sua composição: Guitarra, baixo, som de sanfona e uma *pick-up* sob o comando do Dj Juninho Portugal. Brasileiro, porém, português de coração (onde viveu por alguns anos), Juninho aproveitou seu tempo na Europa para estu-

dar novos ritmos e tendências. Seu figurino nas apresentações (estilo Pedro Álvares Cabral) é uma forma de homenagear os dois países, o que garante mais originalidade em sua *performance*. Entre uma música e outra, oito bailarinas dividem o palco com os vocalistas Geandson Rios e Nadila. Geandson Rios, mentor do nome e da formação da banda, é dono de um swing baiano. Nadila é dona da expressão “é show” que se tornou jargão e marca carimbada da cantora. As músicas que fazem sucesso entre seus fãs são: “Me Libera”, “Rubi”, “Atração Pit bull”, “Maciota Light”, “Soca Soca”, além da canção “Nave do Amor” que faz parte da trilha sonora da novela “Bela, a Feia” da Rede Record. Para aqueles que gostam de música brega essa é uma das bandas do momento, senão a melhor. Enfim cada um tem seu gosto musical, mesmo não sendo uma boa música.

Ranking divulgado pela Capes/MEC comprova qualidade do Programa de Pós-Graduação da Católica

UCDB está entre as melhores

Assessoria

A Universidade Católica Dom Bosco tem um dos dez melhores Programas de Mestrado na área de Educação do País, de acordo com a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação.

A avaliação é feita com base no excelente conceito obtido pelo Programa na avaliação da Capes, graças à infraestrutura e à produção científica produzida por alunos e professores do Mestrado em Educação da Católica. Este mesmo desempenho garantiu a aprovação da criação do Doutorado em Educação, o primeiro de instituição particular de Mato Grosso do Sul.

A posição da UCDB entre os grandes Programas de Mestrado do Brasil levou a Instituição a ganhar destaque em matéria publicada no último mês pela nacionalmente conceituada “Revista Educação”. A colocação da Católica é comemorada, pois, de acordo com a publicação, são oferecidos no País cerca de 86 Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* na área. Assim, estar entre as dez primeiras mostra o comprometimento da universidade com a sociedade.

“O Mestrado em Educação é um Programa consolidado e que alcançou, no último triênio, a avaliação considerada ‘excelente’, com base no trabalho coletivo dos professores, no compromisso com a formação dos profissionais da área, nas ações de solidariedade, por exemplo, com ações para a comunidade atendendo às demandas da Rede Municipal de ensino e com ações articuladas com os movimentos sociais indígenas; no desempenho



Mérito - Professores e alunos dos cursos de pós-graduação comemoram o fato do *stricto sensu* estar entre os dez melhores do Brasil

da produção acadêmica dos professores e alunos do Mestrado em Educação, em suas três linhas de pesquisa e do apoio da Instituição ao Programa”, comentou a coordenadora do Programa, professora Dra. Regina Cestari.

Outro dado importante é que, no ranking da Capes, há apenas quatro instituições particulares — e todas são Católicas: UCDB, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de

São Leopoldo (RS), e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As outras seis são federais ou estaduais: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de São Paulo.

O trabalho desenvolvido pela Universidade Católica

Dom Bosco nos últimos anos foi importante para que a Instituição recebesse a aprovação da Capes na implantação do primeiro Programa de Doutorado em instituição privada de ensino superior de Mato Grosso do Sul. “Trata-se do único Programa do país, nesse triênio, somente com o curso de Mestrado, a alcançar a nota 5 (máxima para o Mestrado). Considera-se, assim, um Programa de excelência na área de educação, segundo os critérios definidos pela

Capes”, ressaltou a coordenadora.

História

O Mestrado em Educação tem mais de 15 anos de atuação trabalhando no desenvolvimento da região, tendo recebido nota cinco na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC).

Para isso, o programa oferece aos participantes três linhas de pesquisas: “Políticas

educacionais, gestão da escola e formação docente”, cujo objetivo é pesquisar e analisar os processos macroestruturais que fundamentam as políticas públicas sociais, com ênfase para as políticas educacionais; “Práticas pedagógicas e suas relações com a formação docente”; e “Diversidade cultural e educação indígena”, que estuda a diversidade cultural contemplando questões que permeiam as relações entre educação, cultura, multiculturalismo e interculturalidade, tendo como referência, entre outras realidades marcadas pela pluralidade, a realidade das comunidades indígenas, afrodescendentes, a educação popular e os movimentos sociais.

Além do Mestrado e Doutorado em Educação, a Católica oferece outros três programas de pós-graduação *stricto sensu*: Psicologia, Desenvolvimento Local e Biotecnologia, responsáveis pela formação de mestres que desenvolvem trabalhos relevantes para o fortalecimento da economia, sociedade, educação, agropecuária, entre outros segmentos importantes para Mato Grosso do Sul e região Centro-Oeste.

Revista divulga produção científica de Psicologia

Assessoria

A revista on-line *Psicologia e Saúde* (www.pssa.ucdb.br), do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, teve seu primeiro número lançado no dia 30 de dezembro. A publicação semestral nasce com o objetivo de difundir e promover o conhecimento científico mediante a transversalização da Psicologia com a saúde e a cultura. Com a publicação de artigos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões teóricas sobre a produção de conhecimento nessas diferentes áreas, pretende ser referência para as práticas profissionais na área da saúde e da cultura.

A revista, que tem como editor o professor Dr. Márcio Luis Costa, terá em seu corpo editorial produções científicas que abordam temáticas contemporâneas voltadas para os campos da Psicologia e da Saúde, mas que tenham articulação com as áreas da cultura, política, epidemiologia, qualidade de vida, processos sociais, apresentando, discutindo e permitindo reflexões críticas sobre: aspectos teórico-conceituais, metodológicos e modos de atenção (promoção, prevenção e intervenção), tanto no âmbito da saúde, especificamente, quanto no âmbito de políticas sociais de modo

mais geral.

Além disso, a publicação possibilitará a construção e o desenvolvimento de novos conhecimentos e ferramentas que atendam às demandas atuais de ensino, pesquisa e atuação profissional nessas áreas, não só para os mestrandos ou pesquisadores da área, mas também para toda a comunidade.

Convênios

O Programa de Mestrado em Psicologia da UCDB conta atualmente com diversos convênios na forma de produções interinstitucionais, tanto no âmbito da pesquisa quanto de produções teóricas e intercâmbios docentes ou discentes.

“Esses convênios fortalecem a necessidade da criação da Revista Psicologia e Saúde como um espaço de divulgação nacional e internacional de produtos que compõem essa área de conhecimento e prática”, comentou a coordenadora do Programa, Dra Sônia Grubits, que também é editora associada da publicação.

Os convênios são nacionais e internacionais e respondem à complexidade do campo da Psicologia e Saúde, tais como: École des Hautes Études en Sciences Sociales (França); UNILIM - Université de Limoges (França); CIAD - Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo, A.C. (México); Universidad de Sonora, (México); AMEPSO - Asociación Mexicana de

Psicología Social (México); ANDE - Associação de Equoterapia (Brasil); PROCAD com o Programa de pós-graduação da PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil).

Programa

O Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, iniciado em 1997, originou-se como um desdobramento do curso de Graduação em Psicologia iniciado em 1975. Reconhecido pela Capes em 2002, com concentração na área da Saúde, preenche, na região, uma importante lacuna na promoção da competência científica no campo da Psicologia, contribuindo para a formação de docentes e pesquisadores de alto nível. A Revista Psicologia e Saúde torna-se, desse modo, um desdobramento dessas necessidades de formação.

O Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco surge com o objetivo principal de articular ensino, pesquisa e extensão sob uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar, como resposta a uma demanda educacional-regional que atende a todos os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, de outros estados e até mesmo à demanda internacional dos países que fazem fronteira com o Estado de Mato Grosso do Sul.

PRÁTICA ESPORTIVA

Acadêmicos participam de sete modalidades esportivas este ano

Assessoria

Para repetir o sucesso das diversas competições esportivas realizadas em 2009, o setor de Esporte e Lazer da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) preparou para 2010 um calendário com jogos em sete esportes, além de novidades. Grande incentivadora do desporto estadual, a Católica programou para este ano torneios de basquete, futebol suíço, futsal, ginástica artística, handebol, judô e vôlei. A novidade será a realização da 1ª Copa UCDB Interestadual.

Conhecidas e respeitadas em Campo Grande e Mato Grosso do Sul, as equipes da UCDB têm obtido bons resultados nas competições de que participa. Recentemente, a Católica foi tricampeã dos Jogos Universitários Estaduais, pentacampeã dos Jogos Abertos de Campo Grande, campeã dos Jogos Universitários Brasileiros (1ª divisão) no basquete feminino e vice-campeã de futsal feminino e voleibol masculino, no ano de 2007, 3º. lugar no basquete feminino e 4º. no voleibol feminino nos Jogos Universitários Brasileiros em 2009. O bom desempenho e a seriedade fizeram com que os torneios organizados pela Católica tivessem aceitação. “O suporte que a universidade proporciona ao desenvolvimento do esporte, como bol-

sa-esporte, profissionais qualificados e uma metodologia de trabalho bem definida entre técnicos, alunos e entidade determinam o sucesso das copas”, comentou o coordenador do setor de Esporte e Lazer da UCDB, Luiz Magalhães.

As competições promovidas pela UCDB agradam por atender não só aos acadêmicos como também à comunidade esportiva sul-mato-grossense. Algumas competições estão na 12ª edição. “O diferencial é que as copas são programadas para um período longo e normalmente realizadas nos fins de semana para facilitar a participação de clubes do interior”, explicou. “Nas competições das federações, apenas atletas federados podem participar dos eventos”, completou o coordenador, atentando para a facilidade que equipes e atletas encontram para participar dos jogos organizados pela equipe do setor, sejam federadas ou não.

Calendário

O primeiro torneio do ano acontece neste mês, a 12ª. Copa UCDB de Futsal Masculino, tradicional competição que movimenta os acadêmicos e gera rivalidade entre os cursos — a maior delas, nos últimos anos, tem sido Educação Física contra Medicina Veterinária, que disputaram duas finais consecutivas. Em 2008, os futuros veterinários venceram e, no ano passado, os edu-

cadores físicos venceram a revanche. Ainda em março, acontece a Copa UCDB de Vôlei.

Abril é a vez da Copa UCDB de Basquete. Na edição do ano passado, dez equipes participaram da competição, vencida pelo Neon Concurso. Em maio, os torneios organizados serão de futebol suíço e handebol masculinos. A Copa UCDB de Ginástica Artística será realizada em junho.

No segundo semestre, haverá mais uma competição interna na Católica. Em agosto, acontece a 7ª Olimpíada UCDB Intercursos, com quatro modalidades (Futsal, Voleibol, Basquetebol e Handebol). Setembro será movimentado, com a realização, de 3 a 30, da Copa UCDB de Futsal. Os títulos da acadêmica de Educação Física da UCDB, Emory Spontoni Alves, motivaram o setor de Esporte e Lazer a programar, para o dia 15, a Copa UCDB de Judô masculino e feminino. Neste ano, o setor de Esporte e Lazer da Católica traz duas novidades: a Copa UCDB Interestadual e a Copa UCDB Terceira Idade.

A formação de advogados índios é a forma que a população indígena encontrou para se proteger de abusos

Cursos de Direito contribuem para gerar autonomia indígena

Joana Moroni

Se por um lado a mídia regional tem dado destaque aos casos de violência envolvendo jovens índios, por outro existe um contingente anônimo destes jovens empenhados na resolução de conflitos que envolvam a população indígena em Mato Grosso do Sul. É o caso dos estudantes de Direito, de etnias diversas, apoiados pelo Programa Rede de Saberes, desenvolvido pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Com a proposta de criar espaços de reflexão e colaborar na formação dos acadêmicos acerca dos direitos dos povos indígenas, o Programa realizou cursos de extensão (totalizando 300 horas/aula), seminários e estudos orientados, entre 2007 e 2009. Em conjunto com as instituições de ensino idealizadoras, os cur-

sos também foram realizados em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com a Anhanguera- Uniderp e com o Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran).

Somente no ano de 2009, o Programa atendeu 29 acadêmicos de Direito índios, informa a secretária da Rede de Saberes, Gleicy Agostinho. As aulas sobre Direito indigenista foram distribuídas em módulos que trataram de Direito Constitucional, Internacional e Penal. O Decreto 1.775/96, que disciplina o procedimento de demarcação das terras indígenas, também foi tenazmente estudado, assim como questões envolvendo a exploração, o usufruto e a posse destas terras.

É o caso do acadêmico de Direito, da etnia guarani, Marcelo Coelho. Cursando o 6º semestre e interessado na área Penal, ele ressalta a importância da formação específica oferecida pela Rede de Saberes, “porque as comunidades não têm esse amparo jurídico”. Índios, ele diz, “não têm dinheiro para pagar advogado”. Um dos seus objetivos é fazer um levantamento sobre a violência nas aldeias e levar às comunidades conhecimentos sobre as leis. Ele destaca que um dos temas do cur-

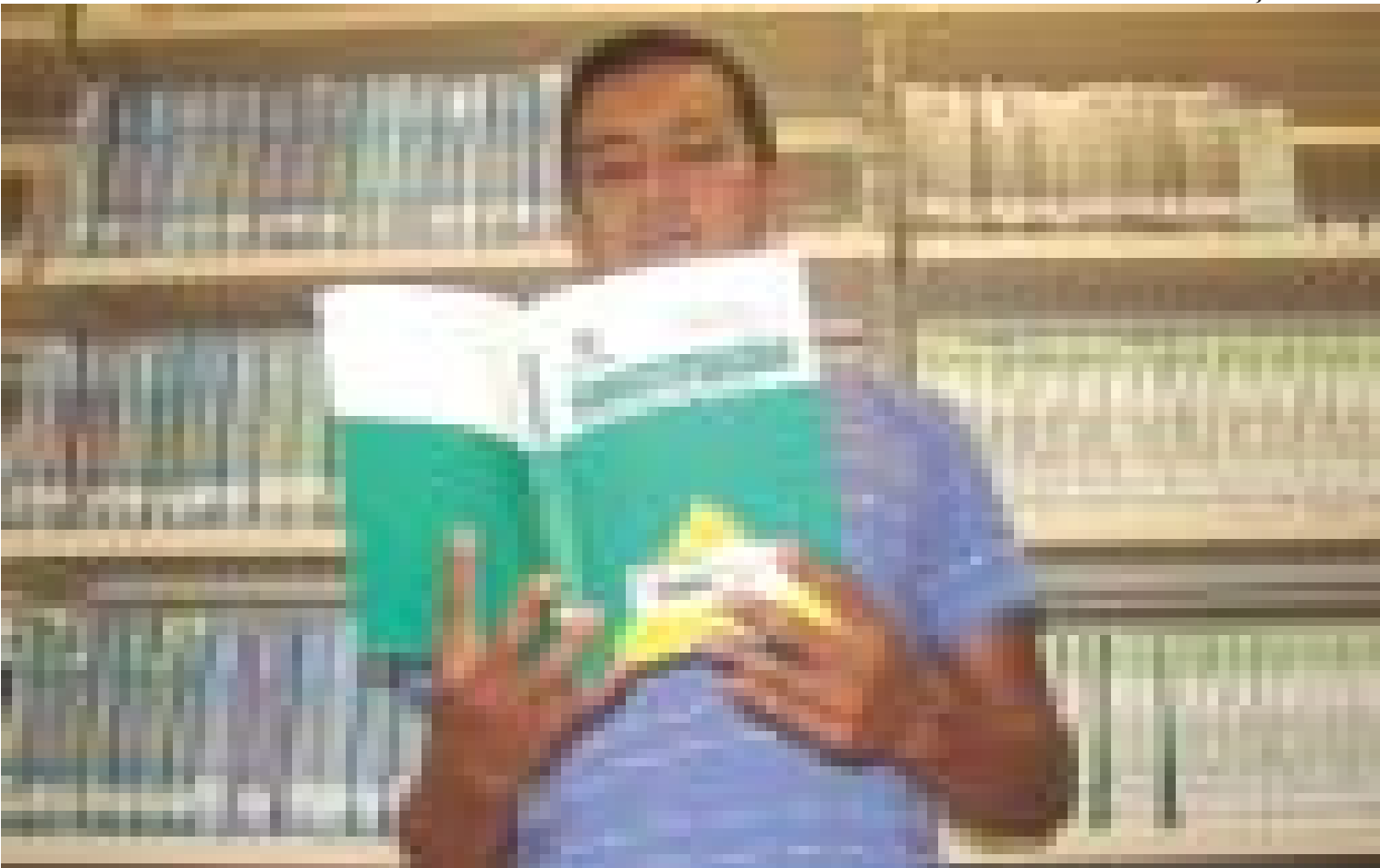


Foto: Joana Moroni

Defesa - Cada vez mais os estudantes indígenas buscam no Direito as informações necessárias para conseguir denfender seu povo

so, a demarcação de terras indígenas, é de difícil compreensão para a população indígena. Não apenas pela complexidade, mas principalmente pela demora na conclusão do procedimento. O desafio é explicar as interrupções em cada etapa, devido aos recursos administrativos e judiciais das partes contrárias.

A intenção, muito mais do que oferecer formação técnica voltada para o mercado de trabalho, é a de preparar estes estudantes para comporem um corpo jurídico que milite na promoção e proteção dos direitos dos povos indígenas. Para o historiador e professor de pós-graduação da UCDB, Antonio Brand, os indígenas na defesa de seus povos e à frente dos tribunais causarão impacto positivo não somente em suas comunidades, mas, sobretudo, na sociedade não-indígena.

Assim como o protagonismo jurídico aponta para o fortalecimento da auto-estima dos indígenas, a presença deles nas instâncias jurídicas também trará novos argumentos e favorecerá que “apareçam, com mais clareza, alguns aspectos de ordem étnica e cultural” – aspectos, estes, reiteradamente ignorados na aplicação das leis. Uma oportu-

nidade para oferecer à comunidade jurídica e para toda a sociedade não-indígena, a sabedoria de outros povos, “a visão de mundo deles”, defende Brand.

O advogado da etnia Terena, Wilson Matos, acredita que as transformações também se darão no campo técnico, na geração de uma nova jurisprudência. Para tanto, a formação em Direito indigenista é fundamental. “Se o operador do Direito não conhece, não há aplicabilidade. Se não há aplicabilidade, não há jurisprudência”.

Wilson Matos, que advoga há sete anos, conta que não teve suporte de nenhuma entidade quando era acadêmico. Recebendo apenas o conteúdo acadêmico convencional, Wilson lamenta que não tenha tido formação adequada acerca do “Direito que a gente aprende no dia-a-dia como indígena”. Ele explica que o Direito indígena, do cotidiano, “é o que vem das comunidades e o Direito indigenista é o que

vem dos ‘deputados’, que não são indígenas”. A questão que se levanta é: a norma contempla as reivindicações dos povos indígenas?

Para o assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Rogério Batalha e professor de dois dos módulos oferecidos no curso de extensão em Direito Indigenista, os direitos precedem a norma. Logo, uma atuação engajada dos indígenas operadores do Direito é fundamental para a construção da autonomia destes povos. Ele também defende uma nova cultura jurídica. “Criou-se, na sociedade brasileira - e, por consequência, nas escolas jurídicas - um pensamento homogêneo em relação à sociedade brasileira”, que uniformiza os costumes e as relações culturais, não permitindo “conceber parâmetros diferenciados de relações de poder, de família, de produção, de organização social e de representação política”.



Foto: Joana Moroni

Garantia - O Direito é fundamental para que os povos indígenas conquistem a autonomia

